

Visualidades

COSTA BRITES



VISUALIDADES

COSTA BRITES

Coimbra, 1993

Esta edição fez-se no mês de Outubro de 1993, quando teve lugar - na Casa Museu da Fundação Bissaya Barreto - a exposição de pintura e desenhos da autoria de Costa Brites.
Prefácio de António Pedro Pita
Capa e arranjo gráfico de Costa Brites

PREFÁCIO

UM LÁPIS ENQUANTO SONHO

1. Ao inaugurar mais uma exposição, Costa Brites apresenta o seu primeiro livro, **Visualidades**.

A ele pertencem estas palavras: "as minhas opções são assumidamente alheias à necessidade - que não quer dizer indiferença - da determinação "moderno / não moderno". Gostaria de sugerir que tal alheamento tem sido responsável por uma leitura superficial deste universo pictórico ao incluí-lo imediatamente num desses polos (o não moderno) e demasiado rápida para aperceber-se das subtilezas de que se alimenta este filho longínquo, mas não tardio, da constelação surrealista, cuja peculiar figuração muito deve às lições da pop-art, à importância do enquadramento cinematográfico, à fotografia e à utilidade expressiva da colagem.

Que a reconstituição deste trajecto - desde as primícias de 1968, no meio culturalmente vivo que o arquipélago dos Açores (já) era, até às soluções estéticas actuais - seja difícil, insólita ou paradoxal, consoante o observador, não me custa admitir. Mas não me é menos claro que uma tal reconstituição - possível, unicamente, através de uma retrospectiva que, além da pintura, exponha também o desenho e o trabalho gráfico - evidenciaria alguns possíveis modos de apropriação de tendências fundamentais das artes plásticas do nosso século.

Pela frontalidade com que interpela o espectador esclarecido, pela radicalidade com que elabora a fascinação fotográfica e pelo território frágil em que obriga a estabelecer critérios e desenvolver argumentos, a pintura de Costa Brites exige uma pausa reflexiva **quase** pelas mesmas razões em que, à primeira vista, parece dispensá-la. E é no ligeiro movimento implicado neste **quase** que tudo se joga.

Não é a pintura, todavia, que em primeiro lugar deveria referir. Mas este livro, o primeiro livro de Costa Brites, intitulado **Visualidades**.

2. "A obra dum artista é indesculpável, seja qual for a roupagem de que se cinja" (Costa Brites).

O que é este livro? Uma autobiografia oficial? Uma reflexão teórica sobre o **fazer-se** da pintura e as suas condições, estéticas e históricas? Uma colectânea de poemas? Uma espécie de diário pessoal e de trabalho?

Serão estas, contudo, as perguntas justas, quero dizer, **ajustadas** ao livro a que se reportam? Suponho, de facto, que só de um outro modo é possível adequarmo-nos a este dispositivo textual, **ver** e **saber** o que o livro nos propõe: porque não sendo em rigor uma autobiografia oficial nem uma reflexão teórica nem um diário, nem um ciclo poético, e não sendo também nem paráfrase nem explicitação do que o pintor já exprimira em tela, **Visualidades** fala de um momento anterior à pintura mas sem o qual a pintura não existiria, sua condição razoavelmente obscura.

Será possível, porventura, traçar o gráfico desta obscuridade pelo carácter "poético" ou "racional" da escrita de Costa Brites. Que as aspas nos ajudem a aludir a um problema que não pode agora ser desenvolvido. Notemos, de passagem, este aspecto curioso: a segunda parte, "poética", intitula-se "**Ecos da cidade e outras coisas**"; como se o sujeito da escrita fosse o local de ressonância de um som e de uma voz que vêm de longe, de uma origem porventura inacessível ou indeterminável, e que por isso mesmo precisa dessa ressonância para determinar-se, precisa de uma escuta que, ao mesmo tempo, seja acolhimento, interpretação e significação. Na primeira parte, "teórica", "**Falas do pintor**", o artista desenha os limites da sua perspectiva, refere momentos de um processo de tomada de consciência teórica.

Subiste o problema fundamental da articulação destes dois níveis: o facto de Costa Brites nos propor, como totalidade, um Livro Primeiro ("**Falas do pintor**") e um Livro Segundo ("**Ecos da cidade e outras coisas**") sugere a ligação, que deve ser meditada, entre 1) o Objecto que se dá em eco, 2) a subjectividade que interpreta o eco, 3) a mão que exprime pictoricamente.

3. O Objecto que se dá em eco é a Cidade. Mas a Cidade é uma realidade contraditória: comunhão e isolamento, silêncio, ruído e morte, júbilo de existir, "experiência alucinante de viver". Leia-se: "Eu sou uma dor que caminha ausente/ Estou aqui à espera e ninguém me encontra". Mais do que um desencontro pessoal, de expectativa frustrada, é aquele descentramento de uma dor que, ao ser subjectivada, radicaliza um essencial mecanismo de alienação, que nos fornece um traço forte da Cidade que já não é "lugar de encontro e de diálogo".

Não sejamos iludidos pelas palavras: há em vários destes textos e em especial no sentido gerado pelo conjunto uma raiz que excede o humanismo balofo das boas intenções. Escrever: "Já não existe espaço na minha carne/ para o sentido da força/ para a coragem do prazer", é reivindicar um espaço próprio de afirmação do desejo; mas fazê-lo é rasgar os próprios limites do humanismo, como mostra a difícil recuperação humanista de Espinosa e Nietzsche, que fizeram desta afirmação um eixo fulcral.

Espaço, pois: "espaço na minha carne" ¹ traduz, na terminologia de Costa Brites, a condição primeira para superar a indeterminação, para ir além da facticidade. Como se fosse necessário, para o advento de um (do) sentido, uma espécie de dilaceração íntima, um rasgo na compacticidade do ser, uma descontinuidade - a inscrição, na própria imanência, de um ponto de fuga, mistério, mar ("Eco distante de encontrar meu mistério/ minha fuga/ meu mar interior").

Neste sentido, a alusão à "cidade sem espaço" é particularmente significativa. A Cidade não é só uma concretização do espaço: a Cidade é uma concretização **convivial** do espaço ("a civilização do espaço é um acto cultural"): deverá permitir falar de janela para janela e da janela para a rua, ser generosa para velhos e crianças, ser possibilidade de silêncio e paz. O espaço na cidade, para existir, necessita da "aragem de mistério, inspirador e

¹ O que se escreve agora, quanto a este ponto, poderá ser lido como eco da conhecida tese de Maurice Merleau-Ponty: "Mon corps est de la même chair que le monde".

fecundo, que invoca em cada objecto a presença transitória, mas eficaz, de cada ser e de cada ideia". Isto é: para existir como tal, a Cidade não pode extinguir o mistério, a marca individual, a voz solitária.

4. Submetida a um rápido processo de crescimento desregulado e especulador, a Cidade desenvolve até ao paroxismo uma contradição: é preciso reduzir o espaço para acolher mais gente que precisa de mais espaço para viver.

Em rigor, o Objecto que se dá em eco neste livro de Costa Brites é a Cidade assim dilacerada, ou melhor, é a própria contradição que dilacera.

Compreende-se, deste modo, que à Cidade-real, desfigurada e pobre, triste e sem alma, seja contraposta não propriamente uma Cidade-ideal, que seria o positivo da outra, mas uma Cidade-mito, fundamento íntimo da própria ideia de Cidade.

Mais demorada reflexão sobre este ponto permitiria desfazer um duplo equívoco: o de considerar a pintura de Costa Brites subordinada ao fascínio da fotografia e o de a ligar imediatamente à **representação** de algumas cidades (Coimbra, Leiria, etc.). Pelo contrário: a **verosimilhança**, nesta pintura, é o campo (arriscado, subtil, irónico) de um jogo que o pintor iniciou há muito com os leitores da sua pintura. Porque, em verdade, nenhuma cidade real é o referente desta pintura.

Na tarefa de representar a Cidade-mito, Costa Brites realiza, com a maior coerência, uma pintura, como se diz, "sem pessoas", uma vez que o mito é uma estrutura pré e trans individual que, precisamente, **ordena e dá inteligibilidade** à vida das pessoas.

Fica reservado ao rigor geométrico do traço, ao diálogo das cores, à harmonia das superfícies, à obsessão pelo detalhe o trabalho de nos **representar** possibilidades de um espaço aprazível, comum, feliz, misterioso, percorrido de "verdades assombrosas" e de "sonhos de aventuras".

5. "O artista escolhe tal assunto porque ele lhe é consubstancial, porque este assunto desperta nele uma certa emoção, sustenta uma certa interrogação; não se trata de copiar mas de dar através dele um equivalente sensível tanto da significação afectiva como intelectual que este assunto tem para ele: Rouault não pintou um Cristo mas através do Cristo um equivalente pictórico do que o Cristo significa para ele. O objecto é representado na sua verdade, pelo menos na verdade que dele o artista conhece, e não na sua realidade lisa e insignificante".²

6. Ao reconhecimento, "Olha a Rua das Flores!", deverá substituir-se uma interrogação: "Qual é a cor da felicidade?"

7. Recordemos o debate entre os desenhistas e os coloristas: "O desenho imita todas as coisas reais, enquanto a cor só representa o que é accidental" (Le Brun). Compreende-se pois que os racionalistas privilegiassem o desenho, em nome de uma "transcrição" fiel da realidade.

Mas o lápis de Costa Brites ("Pego num lápis enquanto sonho"), exacto, rigoroso como uma navalha, está no limiar de uma aventura. Imita. Mas não imita o que se vê, "coisas reais". Desenha serpentes, estrelas.

Primeiro, o lápis, como uma navalha. Todo o trabalho de **reconstrução** (que é também adivinhação ³) **do mundo**, que a pintura é, começa aí.

Porém, o facto de Costa Brites relacionar o lápis e o sonho (o exercício da razão e o seu adormecimento) é muito significativo, e a própria estrutura da frase enigmaticamente sugestiva.

Pegar no lápis **enquanto** sonha para pintar (quer dizer, reconstruir) a Cidade, mais do que subordinar o rigor da mão que desenha ao adormecimento da consciência, significa **inscrever** aquele rigor neste

² Mikel Dufrenne, **Phénoménologie de l'expérience esthétique** - I, PUF, Paris, 3ª ed, 1992, p. 393-394.

³ Costa Brites: "Se pinto, adivinho e reconstruo o mundo".

adormecimento. Ou ainda, para retomar considerações iniciais, significa que toda a consciencialização ("pego no lápis") nasce **da** obscuridade ("enquanto sonho").

Mas há na formulação do pintor uma outra possibilidade: pegar no lápis **enquanto sonho** poderia ser um modo de designar **a matéria** de que o lápis é feito. Hipótese não desprezível, à luz da doutrina do referido debate e da importância do desenho na estruturação da Cidade-mito de Costa Brites.

Como se, afinal, o lápis - este lápis: "o lápis enquanto sonho" - **resolvesse** a contradição entre a consciencialização e a obscuridade. Como se, a mais de saber os contornos exactos de serpentes e estrelas - este lápis, antes de reconstruí-las, **adivinhasse** a cor da solidão e da melancolia.

ANTÓNIO PEDRO PITA

Figueira da Foz, 1 de Setembro de 1993

Nota do Autor:

Algumas linhas da 7ª fala do pintor ("*Quando escrevo, descrevo-me*"), nomeadamente: "*Negros - de todas as cores!*", e "*Negros sobre negro: grito e desafio / ao prazer enorme de ver!*" invocam as substanciais e muito amistosas trocas de impressões com a Artista Túlia Saldanha, a propósito dum dos últimos ciclos da sua pintura, e da exploração sensibilizada e filosófica da cor, que efectuou. Refiro que os negros de Túlia Saldanha eram confeccionados a seu gosto, a partir da mistura de cores, e nunca directamente da sua forma comercializada.

LIVRO PRIMEIRO

/falas do pintor

O pintor inventa em serenidade laboratorial a cidade mágica que é a projecção do seu espírito, a memória da sua sensibilidade, a materialização das suas carências.

Mas o pintor é também um cidadão. Alguém que vive a realidade factual, e dela procura dar um testemunho eficaz e produtivo.

Quando a evidência insuportável dos absurdos consegue passar por "*normalidade tolerável*", o exercício da razão torna-se um esforço penoso.

Depois de duas ou três gerações de "*anestesia*" perante os desastres flagrantes das nossas explosões urbanísticas, a Cidade arrisca o pior dos males: que os seus novos habitantes aceitem como "*normalidade tolerável*" serem emparedados em cimento, vendo seus filhos fugir de medo pelas veredas de betuminoso - percurso escasso para os *horse power*, símbolos obsessivos da vitalidade restante.

O pintor não sorri. A Cidade, irrecuperável em seu labirinto, entrega-se aos vorazes activos e aos cúmplices passivos que odeiam sua paz e seu futuro.

O pintor não retrata uma cidade. Crucifica-se na memória dum espaço interior - "*Ersatz*" de vivências apetecidas, num mundo tão necessitado como distante. Para o pintor a Cidade mantém o fascínio de que dá testemunho em sua urgência e seu apelo. "De facto" é apenas o cenário no qual se desenha, enorme, o temor pela "sobrevivência" dos seus filhos.

A obra dum artista é indesculpável, seja qual for a roupagem de que se cinja.

O pintor sofre permanentemente em louvor e lamento da cidade deserta.

Coimbra, Maio de 1993

A organização do espaço é um acto vital.
A civilização do espaço é um acto cultural.
O espaço funciona enquanto não falta.
Vive-se, enquanto o feio não dói.
O próximo ama-se, enquanto não colide.
A colisão é a janela partida, o espaço que falta, o feio que dói,
o acto vital em repressão ou recalçamento.
A cultura ausente.

O espaço, pinta-se?
É cultural, viver?
E o património, é essencial?
O que é essencial?
O ar? a água? o caminho livre? a música?

Qual o dever do pintor perante os outros?
Qual o dever dos outros?
Tem deveres, o pintor?
E os outros?
Poderão viver na cidade sem espaço,
sem música, com águas sujas, com ares azedos,
sem deveres, sem direitos, sem os outros, sem o pintor?

E a arte, como é? O que é?
Quem a produz? Quem a deseja?
É essencial? É moda? É património?
É uma meta? É um trampolim?
E onde é que vamos pô-la?
Em cima da mesa? No meio da Rua? No bolso?
Produz sensibilidade, a arte?
Produz inteligência?
Qual a fábrica donde saiem essas coisas, afinal?

Coimbra, Janeiro de 1988

É normal que um pintor viaje, levando consigo as obras que são o produto do seu trabalho, mostrando-as noutras cidades, noutros países. Também é normal, mas mais raro, que um pintor aplique a sua experiência e o seu gosto retratando uma cidade ou um país que não são os seus, usando cores que lhe não são familiares, num clima cultural que lhe é desconhecido.

É difícil explicar em poucas palavras todo este processo, sobretudo quando o pintor, que retrata objectos exteriores, casas, ruas, torres, árvores, a luz triste e húmida e o pôr-do-sol cansado tem - além disso - a pretensão de simbolizar através de todas estas coisas a sua visão do mundo, e um possível e complexo retrato de si próprio.

As cidades são o lugar privilegiado do encontro, da alegria e do comércio, da tristeza e da opulência, da cultura e da frivolidade, do drama banal e dos sucessos do espírito e da ciência. Mais do que nos campos de batalha e nas sedes do poder político, é nas ruas amplas ou estreitas, nos cafés e nas igrejas, nas escolas e nas residências, aos balcões e nas praças das cidades que se construiu o espírito e o corpo da nossa história. Aquilo que muitos de nós consideramos ser a Europa, é algo em larga medida acalentado e produzido nos cenários das nossas cidades.

A minha experiência de fazer quadros cujo protagonista é a cidade, começou numa situação muito particular, e deriva também das carências culturais e do sentimento de insatisfação que afecta as pessoas da minha

geração cultural, num país onde a Cidade não se encontra no melhor do seu estatuto como lugar de encontro e de diálogo. Pintar uma cidade e fazê-lo com algum poder de síntese, transformando-a num espaço mágico, sublimado, mítico, pode ser uma forma de restituir à coisa retratada aquilo que lhe falta do seu passado, aquilo de que carece para se afirmar no presente, e do que necessita para atingir o futuro. A cidade, como ideia. Como lugar de paz. Como local onde pensar seja um exercício aprazível, e onde o espaço não seja de fuga, de medo ou de violência, mas um fecundo ensejo de encontro conosco próprios.

Não é possível, pois, dissociar esta experiência do conjunto da minha obra, das minhas cores, dos meus símbolos, das minhas outras aventuras noutras cidades, com forma e conteúdo próprios. Tentei dar não apenas impressões do visitante acidental, mas sim um testemunho intercultural sensibilizado dum viajante com ideias próprias, e o amor enraizado pelo simbolismo de cada casa, de cada objecto.

Apreciando no silêncio - o silêncio;
nas casas e nas ruas - os homens;
nas árvores - a paz;
e em cada janela um palco pronto a abrir-se,
duma nova e fecunda visão do mundo.

Staufen im Breisgau, 2 de Outubro de 1992

- Qual a razão porque V. não inclui pessoas nos seus quadros?

- O tema de uma obra não é "escolhido" pelo artista, na generalidade dos casos. Ele "impõe-se-lhe", devido a um conjunto de circunstâncias do intelecto, da sensibilidade, etc. E acaba naturalmente por ocupar a globalidade do seu esforço. Já no século passado pintores havia que, constituindo a natureza como centro dominante da sua busca, arredavam de seus trabalhos a inserção de personagens, por supérflua e dispersiva. E só acrescentavam uma ceifeira ou um camponês, contrariadamente, se um cliente o exigia, como condição para adquirir a obra. Essa triste ou picaresca situação é muito conhecida, bem como as risíveis polémicas que agitaram alguns meios lisboetas, ainda na primeira metade deste século, por causa dos "quadros sem pessoas".

No entanto, julgo que o assunto dos motivos e do tema se encontrava largamente esclarecido há muitos mais anos que o das referências temporais atrás citadas. Daí que a própria figura humana tenha sido predominantemente entendida como valor plástico, relegadas questões como "a perfeição", "a formosura", "o sentimento" e "o eros", para fora do quadro real de apreciação dos sentidos estéticos.

O pintor esforça-se por conferir à obra valor estético-plástico, a nível pictórico, cromático ou conceptual, aplicando materiais sobre um determinado suporte. Sabida a transformação radical que houve, nos tempos mais recentes, nas atitudes de génese e apreciação da obra de arte, a pergunta

que me faz atira a controvérsia para o domínio do absurdo. Como as minhas opções são assumidamente alheias à necessidade - que não quer dizer indiferença - da determinação "moderno / não moderno", sinto-me profundamente livre para abraçar, da forma que penso mais desejável, o tema que se me impõe: o da Cidade, como lugar simbólico e mítico - invocação das dimensões do homem como produtor de circunstâncias tocadas de força interior e permanência.

Essa procura do denominador comum não é, contudo, indiscriminada, pois tem mais a ver com a compreensão da "casa dos sonhos" que com a ocupação da "casa de sonho". Não alienando vivências geracionais que me são caras e que foram aquisições importantes da minha juventude: a ilustração, o cinema, a fotografia, a banda desenhada, etc.

Não é, aliás, a "cidade deserta" que me assusta. Nela perpassa uma aragem de mistério, inspirador e fecundo, que invoca em cada objecto a presença transitória, mas eficaz, de cada ser e de cada ideia. Nela se pode falar de janela para janela e de cada janela para a rua, sem falsas vergonhas ou constrangimentos. Nos passeios da "cidade deserta" os seres fracos e indefesos não correm qualquer risco, e o espaço é generoso para os velhos, ou para as mães jovens que levam seus filhos. Nas praças amplas ou nos recantos modestos os homens falam de suas viagens, proferindo assombrosas verdades, ou narrando ingénuos sonhos de aventuras.

Onde me temo é na cidade da especulação sem alma (e sem inteligência prática, ao fim ao resto...) onde o milagre da convivência cada vez mais se vê substituído pela timidez agressiva dos seres encurralados ou pela violência organizada que o futuro parece querer oferecer-nos, como iguaria aprimorada de venenos implacáveis.

Pego num lápis enquanto sonho
e desenho em ti sempre mais do que promete o dia.
Pego na pena leve dum pássaro
e coloco uma sombra de chuva no branco sublime
ou no branco só branco
perpendicular ao chão de pedra antiga.
Lajes e lajes solenes enfrentam decididas o tropel do tempo
Os cabelos da lua clara não se agitam.

Sob as arcadas do templo não deram as mãos
o amor e o medo.

Pego num lápis enquanto sonho
e não desenho o sol que me dilacera
desejo tão somente a luz filtrada pelos ramos verdes do silêncio
os pés pisando as folhas húmidas de pranto
o rio sacramental que lave minhas têmeoras ardidas
de sal

Segredo que resolva meu ventre retorcido em cólicas
lidas nas páginas implacáveis
dum jornal.

20 de Novembro de 1992

Levo o rolo de linhagem, bem dobrado e liso, debaixo do braço esquerdo.
Com as pontas dos dedos afago o entrelaçado fino de que mais tarde
farei a tela, coberta de branco virgem, cheirando ao mistério acre da tinta.
Cada gesto dura uma infinidade de instantes, e medir um suporte vale tanto
como o compasso inteiro duma sonata.
Faço isto de pé. Seguro o lápis. Marco tamanhos, e a proporção das medidas
surge por esta ou aquela razão, umas vezes pensada, outras vezes
casualmente entendida sem saber porquê.

O lápis pousa oblíquo sobre o papel.
O papel é branco ainda. Parece um pássaro poisado, antes do voo.
A grafite lança-lhe por cima uma densidade elementar, uma promessa,
um segredo subitamente ameaçado.
O lápis, número dois e meio, tem uma ponteira longa, bem afiada e cumpre,
como uma navalha,
o corte fino duma linha, sobre a macieza de brancura.
Começo por desenhar uma estrela
dela nasce depois um pescoço coleante até meio da folha de papel.
À medida que marcas facetadas vão aparecendo ao longo do seu dorso
movediço, adquire o espírito misterioso duma serpente. E a estrela deixou
imediatamente de ser estrela. Por lhe terem nascido - de cada lado do rosto -
asas assimétricas, mecânicas, funcionais.

Em baixo, a curta distância da cauda-da-serpente surge um horizonte
oblíquo

prometedor de novos acidentes e inesperados figurantes.

É ali

que começa a construir-se um palácio de colunas de cristal - como só
na realidade incomensurável do papel - tão branco e tão dócil.

Eu apareço, montado num corcel de lata e sopeso, na mão direita,
uma lança. Defendendo-me, como posso, da chuva de peixes
vestidos a rigor - de fraque e óculos.

No chão, a meus pés, desfila a sombra de pássaros negros. Tão negros
e tão pássaros, que parecem o vento-morte ou o ruído insuportável
de flores abrindo-se.

Desenhar coisas destas é como beber
a água solene das primeiras chuvas
ou destapar finalmente o seio leve duma mulher sorrindo.

21 de Abril de 1993

Quando escrevo, descrevo-me.

Se pinto, adivinho e reconstruo o mundo

Analiso e configuro o perfil da minha alma

Descubro. Invento-me!

Branco - de todas as cores!

Negro - de todas as cores!

Misturo negro com amarelo e surgem verdes estupefactos.

Se coloco amarelo e verde na taça do azul, em proporções cuidadas

tanto pode surgir cinzento oceânico

como esperança cor das capas dum livro antigo

como o moreno cor-das-folhas-mortas

(isto se juntar um pouco de cor-de-laranja-fogo)

E roxo mais amarelo feito com negro?

E verde cruzado de azul e negro - com laranja dourado e lilás nocturno?

De branco a branco, um abismo intransponível

De negro a negro fronteiras e fronteiras infatigáveis!

Branco sobre branco: contraste de palavras suspensas

Negro sobre negro: grito e desafio

ao prazer enorme de ver!

LIVRO SEGUNDO

/ecos da cidade e outras coisas

O Eléctrico:

um passeio de eléctrico!...

deslizar sibilante e amarelo

por sobre longas fitas azuis e curvilíneas

subindo, descendo.

Carrocel como um barco!

-barco rosnando ladeiras acima,

-carrocel vacilante ladeira abaixo.

O sol redondo entra pelo boné sebento do guarda freio

e no banco dos tolos a rapariga das pernas gordas

é uma delícia para o rapaz da camisa branca

que segue de pé

e espreita a lua entre as rendas da blusa,

e o arvoredado compacto da Sereia.

Praça da República! Paragem.

"Tin-tin" diz a criança e ensina o Avô

que paga o bilhete

para dar a volta inteira,

e reacender a vida

entre mulheres que carregam cestos

e senhores que lêem o jornal.

O Eléctrico:

um passeio de eléctrico!...

para saltar em andamento ou subir devagar,

ou pendurado como os garotos

que desenham um sobrolho carregado

na face magra do homem cinzento que cobra bilhetes.

Bilhetes de eléctrico:

tiras modestas com números e letras

frágeis passaportes

e sensatos conselheiros:

"SE VIAJAR DE PÉ, SEGURE-SE BEM"

Outono, 1989

Encontro-te por vezes sem esperar
e abres-me teu rosto em palavras simples.
Contas-me da tua vida os passos mais miúdos
as tarefas mais modestas
os gestos insignificantes que o destino ignora
e a força da lembrança não retém por longo tempo.
És uma criança ou um velho
sentas-te nos bancos dum autocarro
ou esperas paciente numa fila.
Fazes-me esquecer um pouco as margens insondáveis do infinito
as dimensões de Deus
o afastamento real das estrelas entre si.
Contigo o ser não tem o cheiro requintado dos veludos
existe apenas como simplesmente oscila
o ramo indistinto duma planta.
E contudo
no confuso enredo destes dias perturbados
fazes-me bem como o beber da água limpa
passar no campo ou ler um verso clássico.
É junto de ti que me visita o mundo antigo das lendas e dos mitos:

*Era uma vez um pastor que encontrou uma estatueta de ouro
e esta lhe perguntou qual das três filhas a mais bela*

*Era uma vez uma ave
e no paraíso voava como só ela
e se transformou num príncipe
e depois um rei de mil batalhas
e uma princesa que chorava pérolas de chuva*

Máquinas de sonhos vãos de Kilowátios
e sinais que o éter canta e trombetaia
imagens vomitadas por lâmpadas fluorescentes
enchem de deserto minha fome de paz e de silêncio.

E depois encontro-te
figura sem peso nem poder:
demonstração ingénuo da minha própria ausência
a quem entendo sem ouvir
e respondo como se fossem palavras ditas ao espelho.

Eco distante de encontrar meu mistério
minha fuga
meu mar interior.

31 de Março de 1993

Na máquina incansável do universo
persiste o flutuar de mágicas partículas
e uma massa de espectadores do desejo e do instinto
solta no estádio mais uma vaga de gritos
mais uma saudação e um pranto
mais um arremesso do dardo, mais uma chuva de aplausos
mais um oh!...um ah!...
(sonoro gemido de desilusão e expectativa)

Mais um herói que cai
mais um arranque de gritos incontidos
mais um peito que se adorna de medalhas

mais um atleta exangue e estupefacto
levanta surpreso e céptico os louros que lhe
cabem
no triunfo esmagador e casual

Coimbra, 28 de Janeiro de 1990

Fala do homem, despedindo-se

Estou junto de vós num instante e ausente no momento imediato.

Rápidos correm os rios, profundos e insondáveis são os mares
mas enorme-enorme é esta ponte de nada
que nos conduz para lá do esquecimento.

Viajam os pássaros que migram. Uns voltam - outros não.

Mas nossas passadas não são de asas
e na poeira dos caminhos até nossas pegadas
de breve e ansioso espanto se desfazem.

Do castelo de cartas que sonhámos, saímos ao entrar
num aflito orgasmo
de alegria com lágrimas
de calor gélido
de fúria demais contida
de medo demais aflito.

Contamos vinte anos na face dum calendário.

Página a página vão caindo as folhas deste plátano esguio
batido pela chuva quando chove,
sequioso do sol quando é verão.

Mas as noites contam folhas como os dias
e se nascemos de noite e de noite
frementes e sorrindo nos conceberam nossas mães
mais foram as noites, mais foi a chuva que o sol claro
o arrebol das manhãs
o oiro velho e confortante dos poentes.

Comemoremos pois!

Numa sala de silêncio interior
a uma luz frouxa que a todos oculta e dilui em formas dissipadas.
Ruge lá fora o Tempo e a Cidade.
e há portas que batem e janelas que se estilhaçam
e mulheres magras que sujam de cinzento as esquinas
batidas pelo vento norte.

Ambulâncias a gritar alucinação e dor
anunciam o nojo por toda a urbe
dilaceram a paz como viúvas novas cujos olhos arrancados ameaçam vigiar
a soberba e a arrogância dos palácios de portas chapeadas.

Ah! de imponentes corredores flanqueados a mármore e veludo
chegam longínquos rumores. Ilustre desfilar de vestes
de quem concebe o tempo
como sinal permanente e inamovível:

Uma mão no peito,
outra à cintura, cingindo a espada!

Comemoremos, pois!

Sentados, contemplemos sobre a mesa a serena iguaria
de desejos esquecidos e fomes dissimuladas.
Sobre a mesa a faca e o pão. O escuro vinho do silêncio.

E o eco exterior das coisas que sem sabermos acontecem,
agora e por todo o lado acontecem
rugindo a Cidade em seu tamanho insondável de floresta.
Rugindo nas ruas de chão duro
nas colunas de pedra inquebrantável
nas paredes de branco sujo,
no musgo antigo que a chuva acalenta - inverno a inverno
como acalentam as lágrimas o terrível momento da criação e da tragédia
com os pulsos convulsivos
manipulando incessantes as alavancas infatigáveis
do nascimento e da decadência.

Comemoremos, pois!
de nada e de tudo um oceano de verdades indecifráveis
levantemos nossa taça, e que ela não esteja vazia
da sede inicial de explorarmos o infinito
sem esquecermos que a nosso lado apodrecem cadáveres
ou dormem crianças nuas
ou gemem criaturas seu temor e seu cio
seu destino e seus refúgios
sua fraqueza e seus mitos.

Elevemos nossas taças, procuremos um raio último de sol
e cruzemo-lo na cor do vinho que acalenta,
façamos que rebrilhe, como alma de sangue antigo.

Ali, no brilho inconstante e vulnerável das certezas frágeis
e dos sonhos impossíveis
cantemos mais a peito nossa paixão e nosso transe
elevemos com fervor nossas lágrimas como pérolas
e mesmo que cegos ou surdos
e mesmo que mudos
desenhemos num largo gesto a sanha arguta dos bravos samurais.

Plantemos no solo absorto deste peito aflito
uma árvore altíssima de frondosos ramos.

20 de Dezembro de 1989

Somente fértil
teu crescente de verdura, frondoso e inconsútil

Somente teus olhos fonte perene
janela
sobre oceano de mil vozes.

Somente teu leite e tuas lágrimas
mármore de mil séculos.

Muralha inquebrantável onde sentinela incauta
me invento e dissimulo.

26 de Maio de 1986

nenhuma vaga se desfaz no mar sem que a flecha se perfile no seu arco
nenhum assombro desfila por sobre as dunas.

Tudo em gotas finas de chuva
que cobrem meu rosto de lágrimas
e teus dedos de pérolas.

Coimbra, 20 de Agosto de 1990

Oh! medo,
qual a tua espuma?

Oh! morte,
qual a tua mecânica e perfeita indiferença?

Oh! eros aflito
qual o Senhor possesso que te esporeia?
Oh! último vagido
qual a sedução errónea que te desencaminha?

Aqui germina um poente de acobreado fogo
num deserto juncado de torres de ferrugem.

Se não sou em lágrimas, como serei?

FALA DO HEROINÓMANO

Quase não vale a pena

dizer a palavra

que sinto maior dentro de mim.

Vou dizê-la assim

enorme-enorme, quase sem fim.

Ouvi-la

será a única prova de que estou presente algures

dizê-la

será o único meio de ouvir alguma voz soar

falando comigo próprio

sonhando duas faces de recorte diferente simulando observarem-se

passo cruzado de viajantes imaginários

estrada comum e destino diverso

verbo de encontro ao silêncio incolor e sem partículas

sem átomos, sem carne e sem espuma

sem sensações próprias nem sentido geral de aventura

ou prazer da criação.

Vou dizer esta palavra de silêncio insatisfeito e permanente

vou dizer que estou sózinho

que me procuro e me desejo

que me sonho e imagino.

Estar sózinho não é dizer que se está só
não é sentir singelamente as mãos frias, escondidas e trementes
na roupa encardida e húmida de vergonha.
Estar sózinho é quando o coração pára
com os cabelos vazios de vento, as veias secas sem esperança de sol
ou presença ritual do vinho.
Estar sózinho é desejar ouvir a própria voz, ao menos,
delirando o sonho, o prazer, a doirada insignificância dum grito.

Não estão sózinhos os passageiros que viajam de pé
nas carruagens desérticas dos comboios nocturnos
nem os marinheiros de quarto de vigia
nem as sentinelas inúteis das guerras esquecidas.
Sózinho estou eu que procuro ouvir a própria voz
sentir o bater do próprio coração
e o rumor festivo do sangue nos desfiladeiros do meu corpo.

Olha, leves como são as crianças.
Olha, claras e leves como são as crianças.
E eu dando de minha carne aos pássaros negros que devoram o coração da
terra,
aos pássaros negros com asas de chumbo.
A terra gira absorta e sonolenta
em torno de seu eixo de cadáveres.
A terra esquece as crianças e confunde o caminhar eterno das núvens.

A terra é cúmplice. Ignora os lírios indefesos e as suaves carícias
e eu, dando de meu sangue fraco à sede atroz
dos homens de chumbo e de sombra.

Tenho braços que se alongam como ramos altos
de árvores de seiva fraca.

Tenho membros saturados de esquecimento que não abraçam nem correm
não aquecem luar nem refrescam sol.

Já não existe espaço na minha carne
para o sentido da força
para a coragem do prazer.

Eu sou uma dor que caminha ausente
Estou aqui à espera e ninguém me encontra.

FALA DO TOP- MODEL

Visto-me, dispo-me
desfilo e mostro o nada que não sou
tudo aquilo que o cárcere da aparência encerra, como se fora este
o único alento que oferece a maravilhosa invenção da vida.
Visto-me de desejo, dispo-me de esperança
miragem
neste deserto em que as areias não lembram pegadas de peregrinos
nem o sol arde como deus imenso e verdadeiro.
O meu tronco cobre-se de musselina
o tafetá e a seda, as fibras plásticas modernas, derivadas do petróleo
ou compostos reciclados, matérias inventadas, arremedos apressados
da antiga nobreza dos brocados imperiais.
Eu passo, incendeio, desfilo ao ritmo industrial das luzes
e ao som da tecnocracia ocidental.
Sou uma marca, um produto, um símbolo sexual.
É entrar meus senhores, é entrar
meus passos são estudados e elegantes
e o roçar dos panos sensual.
Passo, de olhar vidrado e poses feitas

e ninguém pergunte onde vagueia meu ego louco,
minha fome e meu pranto
que nem eu sei onde me esgoto, ao estupor das máquinas infernais
publicitárias
de mim feita espantelho de pássaros ausentes.
É entrar meus senhores é entrar
eu sou daqui, da concorrência
publicito, logo existo.
Meu corpo é um cartaz, meus olhos uma montra
meu sexo brando uma fragata.
Sobre meus ombros frágeis carrego mil campanhas
e as palavras mágicas dum slogan.
Caminho e marchos, rodopio e danço
e meu coração pára que não vê viva alma, na multidão garrida
que me aplaude e me cobiça.

Visto-me. Visto-me.

E fico intensamente nua.

E a vós, escravos citadinos da produtividade actual
ofereço grátis e solene, a declamação arrebatada da semente de velhos
sonhos
e inesperadas aventuras
de sangue verdadeiro e lágrimas com sal.
Vós!... escravos insubmissos do cinzento metalizado, dos acabamentos de
primeira
do curriculum vitae e das magníficas condições de pagamento!
Não tendes destino mais comprido que a corda em que estendeis vossa
roupa
húmida de quotidiano bolorento, remançoso e ocidental
férias a tempo, fins de semana, jantar fora e Expresso.
E se subis na escala social da qualidade de vida, respeitosa e esforçada
tendes por seguro e certo um pé de meia
tendes por garantia o bom nome e a morada certa.
Nada vos falta senão lume e sede
a sede do espanto e o lume do medo que aquece a solidão magnânima
dos marinheiros de pé, na madrugada
dos homens sós, convictamente
daqueles que buscam sem temor e sem cansaço
daqueles que desejam e persistem
dos pastores hirsutos na invernia
das mães antigas,
com um filho ao peito e outro ao coração.